

LINGUAGEM TOTAL

uma pedagogia dos meios de comunicação

2ª
EDIÇÃO

FRANCISCO
GUTIERREZ



summus editorial

Yeda
86

G995L Gutiérrez Pérez, Francisco, 1928-
Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação / Francisco Gutiérrez; [tradução de Wladimir Soares ; Direção da edição de Fanny Abramovich]. — São Paulo : Summus, 1978.

(Novas buscas em educação ; 1)

Bibliografia.

1. Educação audiovisual 2. Linguagem — Estudo e ensino — Recursos audiovisuais 3. Meios de comunicação de massa 4. Recursos audiovisuais I. Título.

	17.	CDD-301.16
	18.	-301.161
	17.	-001.5
	18.	-001.54
	17. e 18.	-001.553
	17. e 18.	-371.33
	17. e 18.	-407.8

78-0797

Índices para catálogo sistemático:

1. Audiovisuais : Comunicação 001.553 (17. e 18.)
2. Audiovisuais : Linguagem : Estudo e ensino 407.8 (17. e 18.)
3. Comunicação audiovisual 001.553 (17. e 18.)
4. Linguagem : Comunicação 001.5 (17.) 001.54 (18.)
5. Linguagem : Recursos audiovisuais : Estudo e ensino 407.8 (17. e 18.)
6. Meios de comunicação de massa: Sociologia 301.16 (17.) 301.161 (18.)
7. Recursos audiovisuais : Métodos de ensino 371.33 (17. e 18.)

CAPÍTULO III

A COMUNICAÇÃO TOTAL PEDE UMA PEDAGOGIA DIFERENTE

1. Universo da linguagem total

As novas linguagens que a sociedade atual utiliza, que foram criadas pela assimilação da imagem visual e sonora com a linguagem oral e escrita e que nos chegam através dos meios de comunicação de massas, estão modificando substancialmente as relações dos homens entre si e, como conseqüência, criando novas formas antropológicas e culturais.

A rápida evolução das técnicas audiovisuais e sua vertiginosa transformação, num futuro imediato, permitirá prever — se não se usar um remédio oportuno — o aumento alarmante das problemáticas existentes, especialmente na América Latina onde existe uma grande porcentagem de analfabetos e um número não menor de pessoas marginalizadas do desenvolvimento cultural e econômico.

Além do mais, o homem atual, acostumado a uma civilização racional e intelectualista, necessita capacitar-se, com toda urgência, para poder compreender uma cultura eminentemente sensorial, na qual vive e que é transmitida através da linguagem visual e sonora dos meios de comunicação de massas.

Se a isto acrescentarmos que nos lugarejos da América Latina, a ignorância, a pobreza material e as arcaicas estruturas sociais contrastam violentamente com um mundo alheio que lhes chega através dos meios de comunicação social, contribuindo para manter e acres-

centar uma situação anormal, estaremos dando com as causas da forte tensão revolucionária que se respira um pouco em todos os países.

Esta situação alarmante num continente com uma alta porcentagem de miséria e analfabetismo não poderá ser solucionada com a massificação mas sim por uma nova dimensão dos meios de comunicação. O atrativo da imagem e do som, seu poder de persuasão e o imediatismo de sua captação por parte do espectador, constituem forças poderosas cujo aproveitamento através de uma metodologia são respostas valiosas ao sério problema da educação de base dos povos da América Latina. O homem já se expressa por palavras, por imagens, por sons. Todas as técnicas de expressão ou difusão do pensamento empregam um ou vários dos sistemas de signos e sons. Cada um deles tem suas próprias possibilidades, assim como suas limitações. As palavras, pela nitidez de sua definição e do seu conteúdo, estão aptas a expressar o pensamento científico ou filosófico. As imagens têm um poder de representação com uma grande força sugestiva e emocional. A música é a linguagem do coração.

A linguagem verbal se vale de uma série de signos totalmente convencionais. As imagens acrescentam a essa representação uma segunda significação ou conotação próprias do autor das imagens. A cultura contemporânea faz um uso cada vez maior das linguagens da imagem e do som. Existe o perigo de um novo desequilíbrio da humanidade. Do predomínio do abstrato e intelectualizado — consequência da linguagem escrita — estamos passando ao predomínio do sensorial e subjetivo, produto da imagem. É necessário conjurar o perigo. São duas linguagens que nos foram dadas para complementar-se. Por outro lado, nenhuma delas, separadamente, seria cabalmente aquilo que a linguagem tem de mais profundo, de mais plenamente humano: o dinamismo do ser que se vale da linguagem para expressar-se e realizar-se.

A pedagogia das novas linguagens dos meios de comunicação tem como finalidade a formação equilibrada do ser humano. A criança não é pura inteligência, é um ser encarnado que vive num determinado contexto social.

Os laços que unem a linguagem das palavras com a das imagens e dos sons chegaram a ser tão estreitos e constantes, hoje em dia, que já não é possível falar de três linguagens diferentes e opostas, mas sim de uma só e única linguagem: a linguagem total que dispõe de três formas de expressão, de três classes de signos diferentes: as palavras, as imagens e os sons¹.

Quando falamos de linguagem total nos referimos às diferentes formas ou técnicas de expressão utilizadas pelo homem através das

1. Antoine Vallet, "Du cine-club au Langage Total", Ed. Liget, Paris, 1968, pág. 25.

diferentes etapas históricas e que, em nosso século, foram sintetizadas nos Meios de Comunicação Social, especialmente a linguagem do cinema e da televisão.

É evidente que a utilização simultânea das diferentes formas de comunicação traz, consigo, uma série de implicações de toda índole, para o homem de hoje. Com estas linhas quisemos encontrar alguma solução às implicações de tipo pedagógico.

2. Elementos da linguagem total

Se queremos chegar a uma compreensão global do problema pedagógico que nos coloca a Linguagem Total, precisamos analisar previamente os diferentes elementos, ou cada uma das linguagens utilizadas pelos diferentes Meios de Comunicação Social.

Freqüentemente se desconhece a importância que dá a Linguagem Total às mais genuínas e originais formas de expressão humana, como o são a expressão *kinésica*, oral e escrita. Acredita-se que por ser uma pedagogia baseada nos Meios de Comunicação Social, somente se leva em conta a linguagem das imagens e dos sons. Talvez seja mais acertado dizer que, como reflexo das novas linguagens, as linguagens clássicas ganham uma maior força e vitalidade. Isso acontece, por exemplo, com o enfoque novo que damos aos estudos literários.

a) *Linguagem ou comunicação kinésica** (formas não-verbais)

No vocabulário da Linguagem Total definimos *kinésica* como sendo a investigação sistemática dos movimentos corporais não-vocais pertinentes à comunicação². Até o momento, é muito pouco o que já se investigou no estudo da comunicação *kinésica*. Segundo Eliseo Verón, a cinética "continua sendo a terra incógnita da comunicação social".

A comunicação não-verbal nos coloca no caminho direto para o estudo da linguagem da ação, que ligaria rapidamente as ciências da comunicação com a sociologia.

Lawrence Frank assegura que a pele, como órgão de comunicação, é altamente complexa e multiforme, com uma intensa gama de operações funcionais e um amplo repertório de reações³. Experiên-

* N. do T. — O autor conserva em espanhol o original grego. A tradução literal seria: *movimento, motricidade*, etc. A forma grega ainda é mais abrangente e qualifica bem um importante grupo de fatos, sem correspondente exato em português. O termo grego já está sendo incorporado à nossa língua e é comum falar-se em arte *Kinésica*. Por isso, também adotamos o termo grego.

2. Ver "Linguagem Total: Vocabulário", Ediciones Paulinas, Bogotá, 1972.

3. Vários autores, "Aulas sin muros", Ed. Cultura Popular, Barcelona, 1968, pág. 25.

cias recentes demonstram até que ponto as comunicações *kinésicas* desempenham um papel de primeira importância na formação da personalidade da criança.

Sabemos que, por exemplo, "a orientação especial da criança acontece através de explorações táteis". As mensagens da comunicação tátil vão sendo gradualmente enriquecidas e, em grande parte, substituídas por mensagens visuais e auditivas através de signos simbólicos.

Afirma-se, inclusive, que "a falta de comunicação *kinésica*, na criança pequena, pode comprometer a futura aprendizagem, especialmente da linguagem e de todos os demais símbolos"⁴.

A importância da comunicação nos primeiros anos de vida não significa que essa forma de comunicação deixe de ser importante na vida adulta. Como disse Cassirer, "a linguagem oral tem uma vantagem técnica muito grande sobre a linguagem tátil; porém, os defeitos técnicos desta última nunca destroem sua utilização essencial". Inclusive em algumas relações interpessoais, realiza-se uma comunicação mais completa e eficiente do que com a palavra. Pensemos, por exemplo, no momento de reconfortar uma pessoa desconsolada. Isso acontece porque muitos dos signos cinéticos têm uma codificação icônica natural, com repercussões diretas sobre a psicologia do homem. Segundo investigações como a de P. Ekman, esta linguagem vai muito mais longe do que a analogia que proporciona uma codificação icônica. Os signos cinéticos, em si, não denotam senão que *são*, em muitos casos. Não significam, são seu próprio significado. O pranto de uma pessoa é muito mais que um signo denotativo, é uma realidade vivencial da pessoa.

Para alguns estudiosos, a comunicação *kinésica* é culturalmente específica e varia enormemente de uma cultura a outra. Outros, porém, são de opinião contrária, afirmando-se que se trata de uma linguagem universal e constante para toda a humanidade⁵.

Talvez não se deva fazer afirmações tão globais. Talvez seja verdade que existam algumas manifestações expressivas universais e comuns a todas as culturas, porém, seu alcance de manifestação variará de cultura a cultura, inclusive de indivíduo a indivíduo, conforme as regras e decodificações socialmente aprendidas e uma série de estímulos e circunstâncias que tornam quase impossíveis as reações pessoais.

Se tal é a importância da comunicação não-verbal, compreende-se a razão de integrá-la, o quanto antes, ao processo educativo, já que as repercussões humanas da comunicação *kinésica* nos obrigam a encará-la mais seriamente.

4. Ibidem.

5. Eliseo Verón e Outros. "Language y Comunicación Social", Ed. Nueva Visión, Buenos Aires, 1969, pág. 98.

b) *Linguagem oral*

Num mundo em que a comunicação tende a ser de massa, através de meios eletromagnéticos e eletrônicos, acaba sendo um grande interesse pedagógico colocar em relevo a importância que tem a linguagem oral, cuja essência foi estabelecer relações imediatas, cara a cara, mas que a nova tecnologia está modificando profundamente. Hoje em dia, os interlocutores podem falar mesmo estando separados por milhares de quilômetros. Dentro do conjunto das formas expressivas utilizadas pelo homem, a fala constitui a invenção mais importante para colocar os seres vivos em comunicação entre si. Porém, a consideramos tão natural ao homem que quase nunca nos preocupamos em refletir sobre sua função imprescindível na vida social.

O ponto de partida para a reflexão em que se apóia nossa pedagogia é o fato de que a linguagem falada é um sistema de símbolos sonoros totalmente convencionais. Cada agrupamento humano tem seus próprios símbolos, que são transmitidos de uma geração a outra. Para efeitos da comunicação nos interessa saber como as palavras são símbolos sonoros por meio dos quais, e de uma forma deliberada, podemos transmitir nossas idéias, nossas emoções e desejos. O importante, no nosso caso, é realçar os elementos significantes da fala, isto é, os signos externos.

Historicamente, existiu uma época durante a qual a única forma de expressão verbal era a palavra falada. A comunicação falada caracterizou — e ainda caracteriza — certos grupos humanos que nunca chegaram à alfabetização. Os antropólogos os classificam como povos pré-alfabéticos. Inclusive povos que chegaram a conhecer a escrita permaneceram pré-alfabéticos em sua vida social, pois a escrita era privilégio de uns poucos e tinha como finalidade muito mais conservar do que transmitir o pensamento. É notória a importância que a tradição oral e, portanto, a memória, individual e coletiva, ganham nesses povos pré-alfabéticos. Adquirem particular importância os mitos, as lendas, o ritmo, a poesia, a melodia. O pensamento mítico dá a esses períodos históricos um sabor cultural que os povos civilizados perderam com o correr do tempo, influenciados por outras formas de comunicação, mais rápidas e massificadas. “A sociedade pré-alfabética está dotada de um ritmo lento; tanto os adultos como as crianças têm suficiente empenho para desenvolver a “almofada” da memória.”⁶ A palavra tem um impacto emocional e até mágico. As palavras têm uma carga significativa que provém dos sentimentos, dos temores, dos valores do povo que, ao encarnarem-se em palavras, ganham vida⁷.

6. Vários, “Aulas sin muros”, pág. 79.

7. Ao escrever estas linhas estamos pensando no espetáculo de “Luz e Som” (México) e imaginamos a ressonância impressionante dessas palavras com conteúdos eternos que pareciam repercutir num mundo que já não nos pertence.

Como a linguagem oral é meio fundamental de comunicação, é imprescindível avaliá-la à luz das novas técnicas. A técnica (rádio, TV, cinema) não pode nem deve destruir o que há de autenticamente humano na comunicação, nem seus valores pedagógicos. O aspecto humano, o pedagógico e o técnico deve obrigar-nos a tirar um partido positivo da comunicação oral tecnificada. "É importante assinalar, com McLuhan, que na era eletrônica que sucede à era tipográfica ou mecânica dos últimos cinco séculos, achemos novas formas e estruturas de interdependência humana e de expressão que são *orais* mesmo quando os componentes da situação podem ser não-verbais."⁸ E isto é particularmente importante quando o relacionamos com os sistemas educativos.

A eletrônica nos faz viver novamente na era do inconsciente e do mítico, naturalmente. Pensemos na influência do disco que chegou a ser muito mais rápida e universal do que a do livro. Precisamos levar em conta como o rádio, o cinema e a TV estão nos aproximando da espontaneidade da linguagem popular. A literatura atual, inclusive, está sendo influenciada por esta corrente naturalista e realista. Como disse Roland Barthes, está se desenhando a possibilidade de um novo humanismo "quando a liberdade poética do escritor se coloca dentro de uma condição verbal cujos limites seriam os da sociedade... porque a sociedade não está reconciliada e a linguagem necessária e necessariamente dirigida constitui para o escritor uma condição desgarrada"⁹.

c) Comunicação escrita

A escrita é a representação da fala. De certo modo, é como dar uma realidade física mais concreta e "visível" aos significantes dos signos falados.

De fato, na linguagem escrita, o significante se apresenta com caracteres físicos que pertencem ao domínio da visão. O signo escrito goza de presença e permanência. O signo ganhará, portanto, uma importância tal que condicionará o homem e suas manifestações mentais e afetivas através dos séculos. Através da escrita, o espírito humano quase consegue tornar-se independente dos objetos sensíveis. Por esta razão, a escrita alfabética é considerada como um meio quase infinito de aculturação.

Porém, por outro lado, a escrita é condicionante. Na escrita, os signos mantêm uma ordem social que caracteriza o homem das diferentes épocas históricas. Assim mesmo, com o correr dos séculos, a

8. McLuhan, "Galaxia de Gutenberg", Ed. Aguilar, Madri, 1969, pág. 14.

9. Roland Barthes, "El Grado Cero de la Escritura", Ed. Jorge Alvarez, Buenos Aires, 1967, pág. 72.

escrita veio se solidificando progressivamente até chegar a constituir-se, em nossos dias, num conjunto de signos que tendem a distanciar-se das idéias.

O condicionamento vai ainda mais longe. "O alfabeto fonético transporta o homem do mundo mágico da audição ao mundo neutro do visual."¹⁰ A palavra falada, que existia no princípio, foi substituída, em importância, pela palavra escrita. "Ao se tornarem visíveis, as palavras passam a fazer parte de um mundo de relativa indiferença para o que a vê, um mundo em que a força mágica da palavra foi abstraída."

Poderíamos reconhecer, com Carothers, que a escrita separou o pensamento da ação. A linguagem falada e inclusive a escrita pictográfica e ideográfica mantinham o homem numa interdependência total com os seres e as coisas. Ao estabelecer dois mundos tão diferenciados, o da realidade física e o mundo dos conceitos, estabeleceu-se uma espécie de rivalidade. **Vimos "educando" a criança para o mundo da mente, da inteligência, quase esquecendo absolutamente de colocá-la em contato com a realidade vital; por isso somos tão torpes e toscos em nossa comunicação afetiva.**

A problemática se torna muito mais forte quando, no século XV, a imprensa consegue mecanizar a escrita. Os signos da escrita, estereotipados e sem valor semântico, dão lugar a um tipo de comunicação em que predomina o interesse pelos conteúdos. Como consequência — e já no terreno escolar — cada vez mais se dá importância à instrução ou ao eruditismo. Esta forma de instrução linear enfatiza demasiadamente os valores racionais. Na aquisição do conhecimento, em consequência, busca-se o enriquecimento da inteligência ignorando que, para o ser humano, a inteligência não é a via mais natural de conhecimento. A intuição, os sentidos, os sentimentos, as emoções, a própria atividade do homem são as vias mais naturais e valiosas para o conhecimento. Na prática, os sistemas escolares de aprendizagem, baseados na escrita, significaram fechar a porta à experiência e à vida. O interesse dos signos ficou reduzido à representação mental dos objetos. "A própria separação de audição, visão e significado, que é peculiar da escrita fonética, se prolonga, também, em seus efeitos sociais e psicológicos. O homem instruído sofre uma grande separação da vida imaginativa, emocional e dos sentidos."¹¹ No nosso século XX, o homem, motivado pelos meios de comunicação, está tratando de "recuperar sua plenitude humana".

Muito já se escreveu sobre a influência da imprensa no homem ocidental. O livro como "armazém de idéias", substituiu a prodigiosa

10. McLuhan, "Galaxia de Gutenberg", pág. 35.

11. McLuhan, "La Comprensión de los medios", Ed. Diana, México, 1969, pág. 120.

memória do homem pré-alfabético. Neste aspecto, a linguagem escrita é um instrumento maravilhoso para forjar o pensamento, servindo de instrumento extraordinário no desenvolvimento do saber humano. Pode-se afirmar que a escrita é o instrumento privilegiado da inteligência.

A escrita determina, portanto, a vida intelectual e as profundas atitudes do homem dos últimos séculos, até o ponto em que, com o advento do livro, se pode falar de um verdadeiro fenômeno de mutação histórica¹². Já aludimos várias vezes, neste mesmo estudo, a este homem de imprensa.

Classificação metodológica

A linguagem icônica e a dos sons têm sido utilizadas pelo homem desde as mais remotas épocas históricas. Desde as pinturas rústicas do *cro-magnon* até o último filme em exibição, o homem nunca deixou de utilizar a imagem como uma forma valiosa de comunicação. As cavernas de Altamira e Lascaux, as estátuas gregas, os mosaicos romanos, os vitrais das catedrais medievais, a iluminura dos livros pré-gutenbergianos, a arte popular, a arte chinesa, maia, inca, enfim, todas as manifestações pictóricas e gráficas de todos os povos e de todas as épocas são testemunhos apaixonantes dessa inquietude humana em encontrar nas imagens e sons, formas de comunicação.

O que é novo é a reprodução, multiplicação e o movimento que se conseguiu dar a essas imagens. Outro tanto poderia ser afirmado sobre a linguagem dos sons.

A linguagem cinematográfica e televisiva marca uma nova etapa na história da comunicação. Com o cinema nasce uma nova linguagem com possibilidades extraordinárias.

Em nosso século, o homem tem à sua disposição todas as formas de comunicação. De fato, a sociedade atual se caracteriza pelo uso tecnificado e massificante de todas estas novas linguagens.

Os meios de comunicação de massa, porém, não podem ser reduzidos ao rádio, cinema e televisão. Como uma classificação metodológica, propomos o seguinte:

a) A união da linguagem verbal com a linguagem icônica dá origem aos seguintes meios de comunicação de massas: imprensa diária ou periódica, revistas de todos os tipos, fotonovelas, cartazes, publicidade, histórias em quadrinhos (comics), posters, out-doors...

b) A união da linguagem verbal com a do som origina outro grupo de meios de comunicação não menos importante, por seu número e influência: radiodifusão, discos, canções, cassetes, publicidade radiofônica.

12. Antoine Vallet, op. cit., pág. 39.

c) A união das três formas fundamentais de comunicação torna possível o cinema, a televisão e a publicidade em imagens móveis.

O que é interessante nestas modernas formas de comunicação é que cada uma delas implica em toda uma nova visão das relações do homem para consigo mesmo e para com os demais. Uma pedagogia destas formas de expressão leva, precisamente, a conseguir com que essa nova visão do mundo contribua ao melhoramento do homem. Isso implica em subordinar os meios de comunicação aos fins humanos em que se fundamenta o processo educativo.

Estas finalidades requerem a correta utilização pedagógica das novas linguagens dos meios de comunicação de massa. **No fundo, a massificação e a alienação do homem moderno é um problema não somente de conteúdos mas também de formas. Os signos simbólicos usados pelos meios massificadores para transpirar conteúdos são demasiadamente atrativos, impactuantes e subjugantes.**

3. Enfoque para uma pedagogia dos meios de comunicação

“Quando apareceu, o livro impresso ameaçou os processos orais de ensino e criou a escola tal como nós a conhecemos” (McLuhan). As metodologias em uso nas escolas tiveram, até o presente, um enfoque eminentemente verbalista. A exposição do professor e o livro de texto foram os veículos principais para levar aos jovens as especulações do espírito e todas as aquisições formais do saber. Para consegui-lo, sintetizou-se e dosificou-se a ciência. O que fez com que a escola se assemelhasse a uma fábrica. O professor, usando uma linguagem eminentemente abstrata e convencional, tratava de dirigir-se diretamente ao intelecto dos jovens. Para facilitar o processo, entregavam ao aluno os pensamentos feitos e até digeridos, tanto em forma oral como em forma escrita. Ao estudante, bastava memorizá-los. Todas as instituições escolares e religiosas (basta lembrar os catecismos de perguntas e respostas) se acomodaram a esta metodologia.

Hoje, os meios de comunicação de massa, codificando a realidade de um modo diferente, contribuíram para a exploração que dá à comunidade uma comunicação mais consoante com a integridade da natureza humana. A linguagem oral, e particularmente a escrita, chegaram a descarnar o homem ao separar a realidade de sua representação simbólica. A palavra chegou a ser um instrumento neutro, alheio ao processo criador do homem. A percepção visual e sonora são operações fundamentais ao ato de conhecer. A compreensão não vem depois da audição ou da visão, é imanente à percepção. A linguagem total reintroduz o homem num universo de percepções porque é, antes de mais nada e primordialmente, uma experiência pessoal, global, onde a percepção opera integrando os diversos sentidos.

Desta forma, a pedagogia da Linguagem Total leva ao perceptor o prazer novo e motivador da aprendizagem. O aluno está sempre querendo saciar sua fome de estímulos, sensações e percepções.

Os jovens de hoje sentem necessidade de uma sacudida sensorial para trabalhar e comunicar-se. Estão inclinados a captar, globalmente, a conexão das imagens, das sensações e dos sons, sem necessidade de recorrer ao processo de análise-síntese.

Por outro lado, a psicologia nos ensina que não é possível falar diretamente à razão sem violentar o que há de mais elementar na natureza humana. Isto já foi colocado em relevo pelas novas linguagens dos meios de comunicação social. A página de uma revista, ou jornal, não pretende falar diretamente à razão, mas aos sentidos. Diga-se outro tanto, e com maior razão, do cinema e da televisão. As novas linguagens nos oferecem, inclusive, um tempo e um espaço não-euclidianos.

As novas linguagens nos evidenciaram que comunicar-se não consiste somente em transmitir idéias, fatos, mas sim em oferecer novas formas de ver as coisas, influenciando e até modificando, desse modo, os significados ou conteúdos.

A linguagem, em sua essência mais profunda, é uma linguagem total no maior sentido humano que se possa dar. Quer dizer, a linguagem humana exige que seja todo o ser humano que se expresse, o que não pode ser feito por meio de alguns signos aprendidos convencionalmente, fictícios e impessoais; a expressão é, para o ser humano, uma maneira de realizar-se, de constituir-se, de irradiar-se. Ser é fazer-se: Todo homem está em ação. Temos, pois, que valorizar os signos como significantes e não somente como portadores estáticos de significados específicos e invariáveis.

“Assim como cada instrumento (cada coisa) tem seu modo exclusivo de viver sua própria semiótica, cada pessoa tem seu próprio meio de ligar significados aos signos, formas e imagens com as quais entra em contato. Quando os significantes (formas) e os significados (conteúdos) se sincronizam numa estrutura dinâmica comum, dispõe-se de um importante e efetivo instrumento de comunicação e progresso, oferecendo-nos um novo hábito de pensar, reforçado pelo vigor elementar da experiência sensorial.”¹³

Acabamos de anotar que a imagem está criando novas formas no ato de aprendizagem. Os contatos com a realidade são diretos e constantes. Graças às imagens e sons, os conteúdos que nos chegam não estão sujeitos a uma codificação. Antes, pelo contrário, parece que as formas são novas cada vez que as utilizamos. O texto impresso nos havia acostumado a nos sujeitar a um código e a regras gramaticais inalteráveis. Na linguagem impressa, os meios de expressão e

13. “Linguagem Total: Vocabulário”, Bogotá, 1972.

de percepção estão fortemente entrelaçados por leis firmes e rígidas. Cada significante conduz, de forma quase que inequívoca, ao próprio significado. Os conteúdos têm que se limitar a uma forma preexistente. Por assim dizer, os significantes não modificam os significados. Isto, evidentemente, não acontece com as linguagens dos meios de comunicação de massas.

Hoje existe uma certa instabilidade entre fundo e forma, entre significante e significado, o que está dando lugar a um marcado predomínio das formas, cada dia mais originais e novas. Em outras palavras, os significantes têm, para os estudantes de hoje, tanto ou mais importância do que os próprios significados. Como disse André Peretti, os significantes se libertam e ganham, em nosso tempo, uma importância cada dia maior.

Não importa que o significante possa ser interpretado de diversas maneiras (significado conotativo), que a rigidez e as leis da aprendizagem lógica estejam cedendo a vez a modelos mais móveis, subjetivos e acomodados às circunstâncias do aqui e agora. Este é um fenômeno que implica numa série de conseqüências educativas a que desejamos recorrer, ainda que seja de uma maneira muito simples.

a) Por ser a tarefa educativa um processo de investigação de significantes que carregam significados, no qual tanto o educador quanto os educandos têm algo em que se fixar (sua própria interpretação conotativa), **é evidente que já não se pode manter o dogmatismo professoral como método de ensino.** Ninguém é dono da verdade, mas tem respostas válidas cuja verificação é necessária. A educação é uma busca e uma comunhão de significados, ou de respostas válidas para a vida do homem.

b) Ao dar importância à leitura e à escrita de significantes, temos que estar numa franca e aberta atitude de disponibilidade e mobilidade. Já não pode, nem deve, acontecer na tarefa educativa "regulamentos prefixados". Como disse Bennis, "a aprendizagem de viver e de tolerar a ambigüidade será a tarefa da educação e o objetivo da maturidade"¹⁴.

c) A educação deverá promover, antes de mais nada, o desenvolvimento de aptidões para assumir responsabilidades tanto individuais quanto sociais frente a um mundo imprevisível e cada dia menos codificado. Em outras palavras, educar é fazer aparecer as múltiplas possibilidades num indivíduo ou num grupo social. Isto levará os responsáveis pelos sistemas educacionais a dar menor importância à seleção dos conhecimentos. Estes conhecimentos surgirão das neces-

14. Citado por André Peretti em "Contradicciones de la cultura y la pedagogía", Madri, 1971.

sidades e circunstâncias reais dos educandos e de seu relacionamento com a semiótica social e a semiótica dos meios de comunicação.

d) **Esta forma de conceber a educação exige uma liberação das sobrecarregadas estruturas que aprisionam o atual sistema escolar. A ação educativa deverá desenvolver-se ao mesmo tempo que a vida. Portanto, implicará em romper com esse uso do tempo superfracionado e mecanicista. Com essa "semana de tipo invariável, todo o ano", haverá necessidade de desterrar energicamente esse barroquismo regulamentarista, verdadeira paralisia da capacidade criadora, tanto dos professores quanto dos alunos.**

e) A comunicação profunda é básica entre os alunos entre si, e entre alunos e professores ou coordenadores. Poder-se-ia afirmar que, para a realização de uma autêntica educação, tanto educadores como educandos têm que "colocar-se em estado de comunicação". Cada um deve ir ao encontro do outro.

f) A leitura e a escrita de significantes são criatividade em si porque implicam tanto no reconhecimento como na realização de relações sensíveis, ricas e flexíveis.

4. Nesta pedagogia, o processo metodológico está centrado nas formas

Temos que insistir mais uma vez que o processo de aprendizagem é muito mais que uma simples transmissão de conhecimentos. O próprio Piaget se pergunta: "O êxito de uma transmissão depende somente da melhor ou pior apresentação, pelo adulto, do que se deseja inculcar à criança, ou supõe a presença de instrumentos de assimilação, na criança, sem os quais não poderia compreender?". O mesmo Piaget contesta sua pergunta de forma categórica: "O registro de todo dado exterior supõe instrumentos de assimilação inerentes à assimilação do assunto. Sem dúvida, quando se trata da palavra, ao transmitir ou tentar transmitir conhecimentos já estruturados pela linguagem da inteligência dos pais ou dos professores, imagina-se que esta assimilação prévia seja suficiente e que a criança não tenha mais que incorporar estes alimentos intelectuais já adquiridos, como se a transmissão não exigisse uma nova assimilação, isto é, uma reestruturação que depende, por sua vez, das atividades do autor."¹⁵

Não temos a pretensão de formular uma nova teoria de aprendizagem à luz dos conhecimentos que os meios de comunicação de massas nos proporcionam hoje em dia, mesmo que não duvidemos que a ela se chegará num dia não muito distante. "Os cientistas já se

15. Jean Piaget, op. cit.

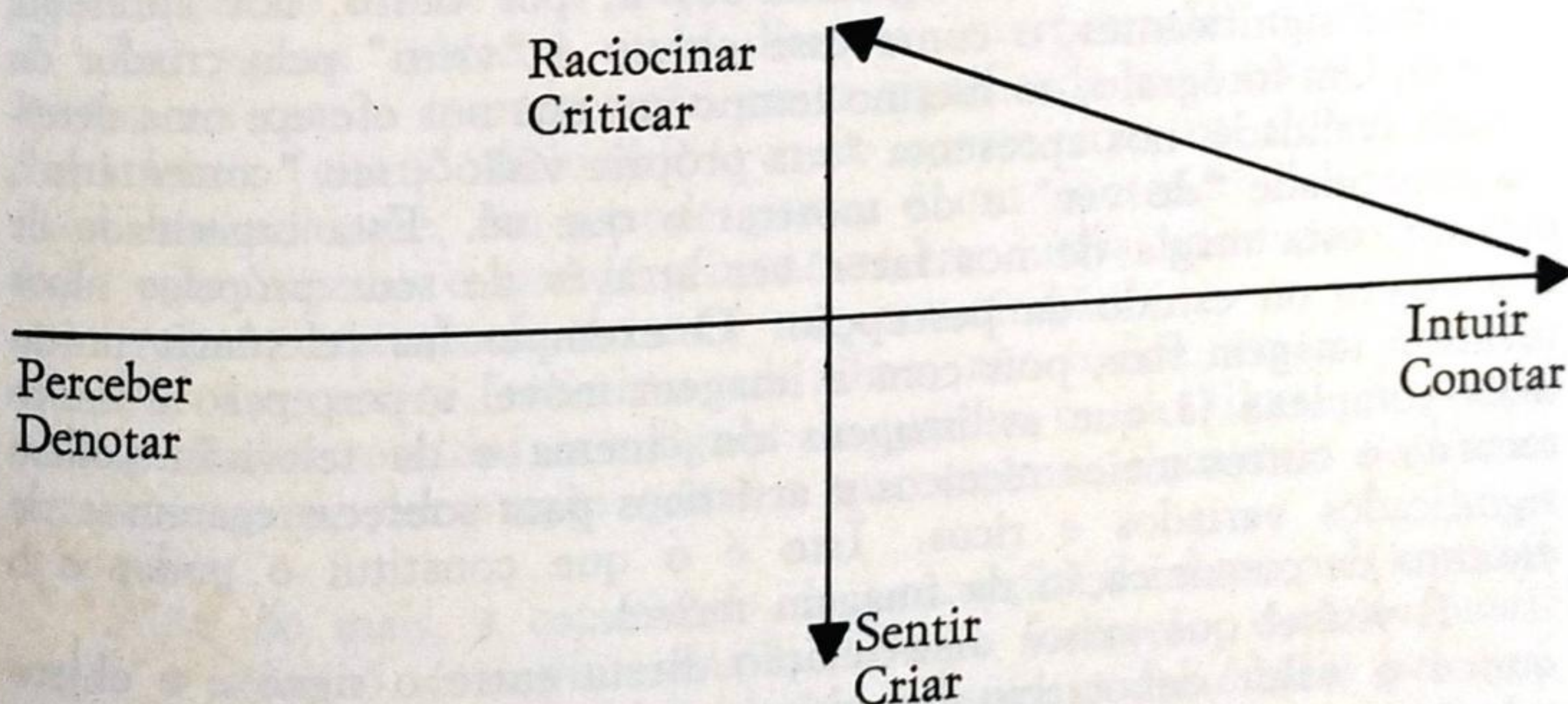
colocaram o problema da modificação dos ritmos de aprendizagem que as novas técnicas de expressão proporcionam.”¹⁶ Creemos que o adestramento numa linguagem de símbolos concretos deverá acelerar, sem dúvida, o ritmo de reconhecimento e proporcionará ao educando os instrumentos adequados que o defenderão contra a massificação e domesticação tão características dos que “consomem” técnicas de comunicação de forma passiva. Sabemos que dominando a semiótica e a criatividade, o homem reduzirá as probabilidades de ser um mero “objeto” à mercê de forças externas e assumirá, como sujeito, as probabilidades de dominá-las.

Com esta nova metodologia, cremos que podemos e devemos desbravar um caminho que o tempo valorizará à medida que a práxis nos vá obrigando a introduzir as acomodações que sejam oportunas de acordo com as circunstâncias e as novas investigações. Charles Morris já afirmava, há 25 anos, que a semiótica pode evidenciar os perigos e possibilidades ocultos nos Meios de Comunicação criados pelas técnicas modernas. Estamos convencidos que a prática sairá de um corpo de doutrinas sobre o novo tipo de aprendizagem, ao qual nos levam os diferentes meios de comunicação ao codificar, com signos diferentes e únicos que, necessariamente, estão influenciando no conteúdo da mensagem transmitida.

Eis aqui os caminhos que propomos, simplesmente como guia. O coordenador da comunicação dialógica ou o professor saberão e deverão realizar as adaptações que sejam oportunas.

5. Caminhos metodológicos

Os caminhos metodológicos que propomos poderiam ser fundamentados no seguinte esquema:



16. Jesús García Jiménez, “Comunicación, imagen y sociedad”, TVE, pág. 58.

E, desde o momento em que falamos em caminhos, falamos no sentido mais amplo. Não podemos nos esquecer que se trata de um processo eminentemente dinâmico, que não é igual nem para todos os homens, nem para o próprio homem, em todas as circunstâncias. O processo de aprendizagem é sumamente complexo. Existem pessoas naturalmente mais intuitivas, outras mais reflexivas, haverá outras que serão mais sentimentais. O que, sem dúvida alguma, tem muito a ver com esse "esqueleto mental" de que nos falam os caracterólogos.

a) Primeiro caminho. Educação da percepção ou leitura denominativa do signo

Todo signo visual ou sonoro tem uma grande capacidade informativa enquanto faz referência a um objeto. A imagem está precipitando uma cultura baseada em presenças, realidades e conceitos. O homem, antes de ser comunicação falada ou escrita, é comunicação visual, sonora, isto é, concreta. Primeiro foi a imagem, depois a palavra. A palavra é muito mais pobre em caracteres representativos do que a imagem. A humanidade, em seu futuro evolutivo, está se enriquecendo ao acrescentar à comunicação oral e escrita a imensa riqueza de uma comunicação através de meios de imagens e sons. Transmitir uma comunicação através dos contornos da própria realidade, em vez de fazê-lo por meio de uma representação simbólica e abstrata, constitui uma revolução copernicana nas relações de aprendizagem e comunicação.

Os contornos da realidade nos oferecem dois tipos de informação: enquanto designam e enquanto significam. Uma mesma realidade pode ser representada (recriada), com múltiplas imagens da mesma realidade, o que equivale dizer que toda imagem tem duas funções principais. Por um lado, faz referência ao objeto que coloca diante de nossos olhos (designando-os) e, por outro, nos apresenta as formas significantes, o como esse objeto é "visto" pelo criador da imagem. Um fotógrafo, ao mesmo tempo em que nos oferece uma determinada realidade, nos apresenta "sua própria visão", seu "comentário", sua capacidade "de ver" e de mostrar o que vê. Esta capacidade de mostrar, esta magia de nos fazer ver através de seus próprios olhos é o objeto ou estudo da percepção. O exemplo faz referência unicamente à imagem fixa, pois com a imagem móvel a percepção é muito mais complexa já que as imagens do cinema e da televisão podem recorrer a outros meios técnicos e artísticos para sobrecarregarem-se de significados variados e ricos. Isto é o que constitui o poder e o encanto da comunicação da imagem móvel.

É visível que existe uma relação direta entre o signo e o objeto que é o valor denotativo ou objetivo do signo, e que existe uma relação entre signo-objeto-sujeito que faz referência a seus valores conotativos ou subjetivos.

Encontrar os valores denotativos do signo, eis aqui o primeiro passo de toda metodologia que se fundamente nas novas linguagens dos meios de comunicação de massas. Este primeiro passo exige, de fato, uma grande capacidade de observação e de objetividade. Em outras palavras, a educação da percepção. Se é certo que a linguagem icônica incide fortemente na emotividade do indivíduo, isso significa que os signos, antes de adquirirem um significado racional, penetraram no psiquismo humano de uma forma muito mais natural. A aquisição de conceitos, idéias, a crítica racional e a assimilação ou recusa consciente do conteúdo da mensagem de uma imagem não pode realizar-se recorrendo exclusivamente a formas racionais ou lógicas. **Cada signo é veículo de comunicação e pensamento. Porém, a característica dos signos icônicos e sonoros é o seu imediatismo e, portanto, seu impacto perceptivo.**

Perceber uma imagem é um processo muito mais complicado do que perceber um signo escrito (a palavra é perfeita como exemplo). Se é correto — e já o afirmamos — que todo signo é constituído por um significante e um significado, nos signos lingüísticos, o significante conduz artificial e mecanicamente ao significado. E não é assim nos outros signos, nos quais o significante adquire preponderância de caracteres únicos e insuspeitos. Essa importância ganha maior relevo se considerarmos que os significantes dos signos icônicos são irrepetíveis em virtude de sua própria essência: por serem contornos das realidades (cada realidade é única e irrepetível) e porque os criadores dessas imagens não dispõem de um código rígido por serem linguagens e não línguas.

Estas considerações nos reafirmam a importância da educação da percepção que acontece na metodologia da linguagem total.

Uma deficiente leitura denotativa (perceptividade) levará a uma interpretação errônea dos significantes e, por conseguinte, à falta de espírito crítico diante dos meios de comunicação social.

Ler signos icônicos quer dizer a interpretação desses *signos. Porém, eis que a interpretação ou o significado não estão em mim, como leitor (ou no dicionário) como ocorre com os signos lingüísticos, mas sim que, em grande parte, é um conteúdo desses signos. Aqui vale recordar o que já afirmamos em outras oportunidades que, nas imagens, o comunicado está na comunicação.

Ver um quadro, assistir a um filme, não indica, em si, perceber os significados contidos nos signos do quadro ou do filme. É preciso um processo de decantação que é o que estamos chamando de leitura denotativa.

Além do mais, a capacidade de percepção do homem (especialmente o adulto) é muito restrita. Nossa formação exclusivamente intelectual contribuiu, em parte, para embotar as faculdades perceptivas mais elementares. Nos habituamos a nos comunicar somente num sentido. Como disse E. Carpenter, "toda nova linguagem dificilmente

é bem recebida pela antiga". Uma percepção sensorial global tem um resultado algo desconcertante para o adulto. Pensemos na impressão que nos produz uma discoteca juvenil, ou no pouco que participamos, normalmente, da trilha sonora de um filme com muita ação.

A simultaneidade de elemento que a linguagem icônica nos oferece apresenta outro dos imperativos da necessidade da educação perceptiva. Na realidade, esta simultaneidade e concretização da imagem provoca uma primeira reação intuitiva que dá origem a uma resposta quase que inconsciente. Esta primeira provocação subjetiva (aceitação prazerosa ou repulsa) vem a ser uma reação muito primária, precipitada e prejudicial. A prática nos ensina que a percepção exige prolongados exercícios e uma educação minuciosa para chegar à objetividade que é indispensável e que propomos como um pré-requisito desta metodologia.

O caminho anterior de toda educação que se baseie na utilização dos meios de comunicação de massas será, portanto, a educação da agudez sensorial. "As diferentes artes, assim como os meios de comunicação social, podem servir para despertar e educar o registro completo, quer dizer, para abrir par a par as portas da aprendizagem. Isto se conseguirá ajudando a criança a mover-se, tocar, cheirar, ver, ouvir, do modo mais completo e com a maior liberdade possível, familiarizando-a com a textura, a tonalidade, o movimento, silêncio, ritmo, formas e processos."¹⁷ A incorporação dos meios de comunicação como agentes ativos do desenvolvimento sensorial tanto serviria para promover ao máximo a capacidade de aprendizagem da criança quanto para equipá-la de modo a poder manejar o enorme bombardeio dos meios de comunicação que fazem parte de seu ambiente.

Se entendemos por percepção a resposta imediata do organismo às energias que excitam os órgãos sensoriais e que, portanto, toda percepção é uma resposta orgânica, educar a percepção consistiria em conseguir com que essas respostas imediatas sejam cada vez mais objetivas, no sentido de que estejam estritamente relacionadas com o objeto da percepção. Sabemos que as respostas sensoriais não dependem tanto do estímulo quanto do poder de reação do indivíduo diante do estímulo dado. Por isso, muitas respostas emocionais parecem depender mais das relações do perceptor com suas experiências anteriores do que com o próprio estímulo perceptivo.

Poderia afirmar-se que o que nos interessa neste primeiro passo metodológico é obter o máximo de respostas sensoriais, tanto em quantidade quanto em qualidade. A psicologia nos ensina que a "percepção é uma expressão verdadeira e útil da personalidade que, igual a suas outras expressões, está sujeita a leis, as quais podem ser

17. J. Culkin, op. cit.

discutidas”¹⁸. Esta será a tarefa de todo bom educador que vive num mundo onde os estímulos são, a cada dia, mais numerosos e impregnados de novidades. Porém, a quantidade é a novidade dos estímulos não é tudo. Temos que lembrar, também, que se trata de estímulos diferentes dos tradicionais. Na realidade, os meios de comunicação social nos oferecem estímulos artificiais.

Esses estímulos artificiais são os que estão caracterizando a nova cultura nascida dos “mass-media”. “Cada cultura cria sua própria gama sensorial, de acordo com as exigências de seu meio.”¹⁹ As possibilidades perceptivas de cada indivíduo estariam condicionadas, portanto, pela cultura criada pelos meios de comunicação de massa.

“Cada experiência sensorial libera uma determinada quantidade de energia sensorial, porém, o repartir essa energia entre os cinco sentidos varia segundo o meio utilizado. No rádio e no telefone, ainda que sejam dois meios de comunicação auditiva, a percepção sensorial é diferente.”²⁰ Tomemos, por exemplo, o rádio que, segundo McLuhan, ao ter uma alta definição preenche as exigências do ouvido mais sensível e pode deixar em liberdade a energia sensorial dos demais sentidos. É muito provável que não aconteça o mesmo quando percebemos uma conversação telefônica que, não sendo suficientemente clara minimiza a contribuição dos outros sentidos.

Não é a mesma a percepção exigida pelo cinema e a percepção exigida pela televisão. Segundo McLuhan, a percepção que a criança tem da televisão seria máxima. Toda resposta perceptiva é, portanto, uma seleção. Porém, esta seleção está fortemente condicionada pelos meios de comunicação. O “consumidor” desses meios não é passivo, perceptivamente falando. As respostas perceptivas são parte integrante de nosso próprio eu. Através das sensações, o *eu* conhece a qualidade sensível dos seres e dos objetos. **A percepção é, portanto, o caminho natural que leva a um enriquecimento humano que se baseia no conhecimento sensível dos objetos ou na representação sensível dos mesmos.**

Valorizar a importância das reações perceptivas e afetivas parecerá, a alguns, um método muito inseguro e até irracional. Porém, não nos cansaremos de reafirmar, com Herbert Read, “a importância da sensação numa época que pratica brutalidades e recomenda ideais.

Nunca nos cansaremos de mostrar que, se na educação de nossas crianças conseguimos, através de uma metodologia adequada, colocar clareza em suas sensações, podemos conseguir estabelecer uma relação entre a ação e o sentimento e, inclusive, entre a realidade e nossos

18. S. Howard Bartley, “Principios de percepción”, Ed. Trillas, México, pág. 23.

19. J. Culkin, “Pour ou Contre McLuhan”, Seuil, Paris, 1967, pág. 36.

20. Ibidem, pág. 55.

ideais. O idealismo já não seria, então, um escapar da realidade; seria uma simples resposta humana à realidade.”²¹

A Educação da percepção é o caminho primeiro e, através do qual teremos de passar se quisermos chegar a avaliar a magnitude e complexidade dos demais estados da consciência humana.

b) Segundo caminho. Educação da intuição ou leitura conotativa

A educação da percepção é o primeiro caminho. Deixamos indicado no gráfico que o segundo passo é a educação da intuição. Não é paradoxal falar de um entendimento intuitivo, sobretudo em se tratando dos meios de comunicação social. Ademais, o primeiro impacto das linguagens dos meios, causa em nós respostas intuitivas. Frente a um quadro, um programa de televisão, um filme, um disco, nossa primeira reação é intuitiva. Aceitamos ou recusamos intuitivamente.

Os métodos científicos e racionais dominaram o panorama pedagógico de tal maneira, durante os últimos séculos, que acaba sendo uma afirmação temerária assegurar que tirar a intuição da aprendizagem é truncar o processo educativo. Nós estamos convencidos que, frente a um mundo tão dinâmico e uma aprendizagem que ultrapassa os estreitos limites da lógica, temos que educar sabendo que há lugar para o pensamento intuitivo. Sabemos, por experiência, que os meios de comunicação são maneiras de expressão muito mais intuitivas do que racionais. O anúncio publicitário, o mosaico da primeira página dos grandes jornais, por serem criações eminentemente subjetivas, despertam nos leitores respostas primordialmente conotativas. Correntes cinematográficas, em que a lógica predomina com base numa montagem rigorosa, estão sendo substituídas pelo “free cinema”, com abertura às mais variadas interpretações. A música, a pintura, a poesia, o cinema e, em geral, todas as formas de expressão nascem ao gosto de uma grande “pluralidade de consumidores, cada um dos quais levará, ao ato de gostar, suas próprias características psicológicas e fisiológicas, sua própria formação ambiental e cultural e que, por mais honesto e leal que seja o compromisso de fidelidade a respeito da obra que deve-se gostar, todo deleite será inevitavelmente pessoal”²². Este novo posicionamento com as modernas formas de expressão nos introduz não a um mundo de valores ordenados esquematizados e unívoco mas sim a um mostruário de significados, um campo imenso de possibilidades, cujo descobrimento requer uma “intervenção cada vez mais ativa, uma opção operativa por parte do leitor ou do espectador”²³.

21. Herbert Read, “Educación por el arte”, Paidós, Buenos Aires, pág. 293.

22. U. Eco, “La definición del arte”, Ed. Martinez Roca, Madri, 1970.

23. Ibidem.

Compartilhar esse mostruário de significantes constitui o segundo caminho de nossa metodologia. O consumidor deverá sentir plena liberdade para formular e sustentar sua resposta. O número e a qualidade das respostas pode ser — e de fato é — muito variado e enriquecedor. **Numa forma normal estabelece-se com o grupo uma comunicação dialógica que, em si, constitui o ponto culminante do novo processo de aprendizagem.**

Esta dialética de “definições e aberturas” é fundamental para compreender e (avaliar) os meios de comunicação social como fato comunicativo e dialógico.

Talvez tenha sido uma visão demasiado parcial (ou moralizante) dos meios de comunicação que levou os educadores a subestimar suas possibilidades educativas; que quiseram usar na escola com uma visão estreita, valendo-se da mesma metodologia com que usaram as formas tradicionais de expressão verbal. **Pretendeu-se converter os meios de comunicação em simples técnicas audiovisuais.**

Sabemos, através da experiência diária, que as conotações ou respostas intuitivas podem ser mais ou menos válidas mas o importante é que, por si mesmas, implicam num contato direto e pessoal com a realidade e isto é de grande valor para o processo educativo. A comprovação analítica, racional, terá que vir depois, se for necessária. Em muitos casos não o será. As possibilidades educativas desta riqueza de confrontos é algo a que ainda não demos o devido valor na escola. **A escola continua sendo demasiadamente sistemática e formalista. As valorizações racionais não catalogadas nos assustam. Com frequência os alunos muito intuitivos têm muito mais problemas porque, normalmente, são recusados pelo sistema como sonhadores, desordeiros, indisciplinados, maliciosos.**

A influência dos meios de comunicação leva os alunos a serem muito mais espontâneos, que se liberam de um conjunto de entraves que os impedem de serem eles mesmos. Em sua conduta diária, dentro e fora da escola, a cada momento, manifestam as suas valorizações tipicamente subjetivas. Por isso, cremos que os sistemas escolares deverão dar, cada vez mais, ênfase à bagagem pessoal dos estudantes, por mais subjetivas que sejam.

O ambiente de uma dinâmica de grupo é o mais propício, segundo parece, para passar de respostas intuitivas formuladas com plena liberdade a uma serena análise de busca. A sistematização, inclusive rigorosamente científica, a que pode chegar o grupo terá repercussões muito mais duradouras por estar fundamentada numa genética natural do psiquismo humano.

A personalização precisa assentar-se nessa disposição natural que trata de resolver os problemas começando pela visão pessoal. Este enfoque resolverá, em grande parte, o problema da angústia que provoca o medo ao equívoco e que é fomentado na escola pelos exames, castigos e recompensas.

A educação será tanto mais válida quanto o educando procurar estruturar em seu ser os valores que lhe sejam próprios. O aluno chegará, pela educação, a descobrir sua própria dialética com a vida.

c) Terceiro caminho. Criticismo ou personalização

Em um terceiro momento metodológico o aluno necessita avaliar sua própria resposta. As respostas conotativas que aconteceram no caminho anterior devem ser examinadas à luz da leitura denotativa e da visão estrutural da obra. Este é o momento de crítica e objetividade que se deve levar a cabo como uma espécie de jogo dialético.

As respostas subjetivas (conotativas), ao serem avaliadas à luz da objetividade da denotação realizada anteriormente, devem ter um enfoque duplo: por um lado, o exame da estrutura global da obra e, por outro, o estudo das repercussões que a mencionada obra pode ter na vida do educando.

De nenhum modo podemos reduzir o estudo das linguagens dos meios a avaliações conotativas. Os sentimentos, as sensações são o caminho pelo qual nos proveremos do material para a crítica compreensiva e explicativa. Em outras palavras, a crítica deve estar baseada na análise científica do elemento perceptivo. Parece impossível encontrar o significado de uma obra sem antes termos nos penetrado do significado. Ainda que a visão perceptiva do significante não seja suficiente nem definitiva, é o caminho obrigatório para toda "racionalização".

Esta crítica ou racionalização terá um objetivo tríplice:

1. Visão da obra como uma realidade histórica. Um quadro, um poema, um disco, um filme, um programa de televisão são uma parte da história que o autor procura fazer com que a gente a viva intensamente. A análise crítica nos levará a realizar um estudo mais atento de todas as implicações sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas da obra.

A visão global da obra nos permitirá compará-la com o atual horizonte de fenômenos e problemas que são produtos de uma situação social, religiosa, política, econômica que vivemos. Esta comparação de estruturas é sumamente enriquecedora já que nos obrigará a analisar as raízes profundas de nossa inserção na história. Este trabalho de análise bem realizado conduz a uma opção pessoal da vida. **O educando sairá do status de simples espectador ou receptor para converter-se em recriador ou autor da história.**

2. Visão do criador. Os meios de comunicação nos põem em contato com a realidade, porém, com uma realidade própria dos meios, recriada pelo autor da obra. Nos pomos em contato com a realidade através das formas escolhidas pelo artista, pelo homem ou pelo grupo de homens que são os autores desta recriação da realidade que temos diante de nós. Isto significa que a realidade nos chega — deformada

ou dignificada — através da personalidade deste ou daquele pintor, cineasta, fotógrafo, jornalista, etc. A leitura das imagens nos põe em contato com uma realidade dupla: com o mundo dos seres que representam e com os homens ou homem-autor dessas imagens ou sons. Tanto a realidade como os homens recriadores da realidade não são seres ideais nem tampouco vivem num mundo ideal. O comunicador tem uma ideologia e está inserido num determinado contexto social. Embora seja verdade que todo comunicador pretenda influenciar o sistema, o mais comum é que o sistema determine as condições do produto do comunicador. **A comercialização, os interesses criados, a tecnificação são condicionantes dos meios de comunicação social que não podem escapar de uma visão crítica do receptor.**

3. Nem intuitiva nem criticamente a obra estudada pode ficar à margem da própria vida. Se o comunicador recria a obra, o faz tendo em vista um perceptor. As relações do perceptor e do comunicador (e, portanto, com sua obra) são primordiais em todo o trabalho de crítica avaliativa. Há que se examinar, de início, quais poderão ter sido as motivações do autor em relação com o perceptor: informar, educar, entreter, alienar...?

Detectadas as intenções do comunicador, o aluno terá que enfrentar-se criticamente com essa realidade que os meios de comunicação de massas lhe apresentam tendo em vista uma reflexão que possa dar um significado ao seu viver. O criticismo, portanto, não é uma simples contemplação abstrata mas tem que desembocar num processo eminentemente humano. A verdadeira reflexão nasce da prática. **“Ainda mais, segundo Freire, a ação somente é humana quando, mais que um fazer, é uma tarefa; isto é, quando não se dicotomiza da reflexão.”**

d) Quarto caminho. A criatividade

A primeira fonte de criatividade é a expressão pessoal ou a auto-expressão vital, não estereotipada. H. Read define a educação como “o cultivo dos modos de expressão e consiste em ensinar às crianças e aos adultos a fazer sons, imagens, movimentos, ferramentas e utensílios. Um homem que pode fazer bem essas coisas é um homem educado”²⁴.

Os meios de comunicação são fonte de auto-expressão para os jovens. Pensemos na importância que se dá, num agrupamento juvenil, à cor, à música, às montagens de audiovisuais. A utilização das novas linguagens significa, para eles, a ruptura com os velhos estereótipos. Hoje, a expressividade acontece nos jovens de forma sensorial e inclusive biológica. Às formas novas, novas linguagens, se junta a expressão comum que é outro elemento primordial que caracteriza a expressão na juventude atual.

24. Herbert Read, op. cit., pág. 208.

Pode servir de exemplo a expressividade e, ao mesmo tempo, a inter-relação grupal que implica na criação de uma montagem visual ou sonora. Segundo o dr. Vallet, a criança de hoje pensa e se expressa em imagens.

Estas comprovações nos mostram que os meios de comunicação encerram, em si, um enorme potencial de criatividade e de desenvolvimento pessoal. Nada é mais interessante e valioso do que comprovar como a educação se torna funcional à medida em que se promovem as formas de comunicabilidade. Como disse François Perroux, "cada sujeito se cria na sua experiência em comunicação com os outros". Para Freire, "somente existe o saber na invenção, na reinvenção, na busca inquietante, permanente, que os homens realizam no mundo, com o mundo e com os outros"²⁵. Este tipo de pedagogia fundamentada na comunicação criativa exige que os educandos sejam atores e não meros espectadores da ação educativa. Pede, deles, possibilidades para transformar a realidade. Supõe, portanto, possibilidade de mudança, de intercomunicação, de expressividade própria. "Estas mudanças são inerentes a toda coisificação das relações interpessoais; são, pelo contrário, assimiladas e denominadas na própria criação de cada sujeito em comunicação com os outros e pela criação de conjuntos sociais resultantes da convergência dos projetos coerentes dos sujeitos"²⁶.

Para poder expressar-se bem, não basta conhecer. Também é preciso sentir. É aqui que entra nossa insistência em fazer sensíveis, até onde seja possível, todos os conhecimentos que o educando tenha que adquirir. **Quanto mais sensíveis sejam suas relações com os seres, tanto maiores serão as facilidades que o garoto terá de expressar-se sobre eles. O desejo, mais a necessidade de expressar-se, constituem o fundamento do processo criador do educando.**

A criança, diferentemente do adulto, se expressa com a máxima liberdade e espontaneidade. A auto-expressão é inata no indivíduo. **Todo indivíduo sente necessidade de comunicar aos outros seus pensamentos, sentimentos e emoções.**

Porém, não podemos conceber a auto-expressão primordialmente em termos de conteúdo. As formas expressivas têm grande importância. O "que" nos interessa; porém, neste caso, o "como" nos interessa muito mais. Embora também seja correto que na metodologia da Linguagem Total as formas de expressão nos interessem muito, as técnicas sofisticadas nos meios de comunicação social ganham menor importância. Há mais significado educativo do que técnica na "expressão mental e emocional do criador". É este o caminho da personalização. **A imitação fraudulenta (a cópia) é a morte da expressão pessoal, por mais técnicas que se utilize.**

25. Paulo Freire, "Pedagogía del Oprimido", Montevideu.

26. Ibidem.

Yedre

Desde a aparição do livro (primeiro meio de informação de massas) o homem vem sendo condicionado e deformado pelas mesmas técnicas de que se vale para expressar-se. O livro e os Meios de Comunicação Social buscam, antes de mais nada, preencher uma finalidade primordial: a informação. Contudo, como já havíamos assinalado, os meios de comunicação, por essência, têm que ser muito mais que meros veículos de informação. Para o homem moderno é muito mais poder e saber "expressar-se" do que simplesmente informar-se.

É missão dos educadores encontrar — através de uma pedagogia fundamentada nos meios de comunicação — as possibilidades que permitam ao homem uma maior expressividade. Não é um sonho irrealizável criar uma série de condicionamentos que, baseados nos meios de comunicação social, permitam ao homem expressar-se com o máximo de criatividade.

Em primeiro lugar, os meios de comunicação ampliam o campo de referências. Todo o acúmulo de sons e imagens que chega à criança são outras tantas referências que permitem ampliar o seu mundo. O campo de consciência da criança de hoje é muito mais rico em formas e conteúdos.

Obrigar um jovem a expressar-se unicamente por meio da linguagem verbal é enclausurá-lo em um estereótipo insuportável. Os processos expressivos dos meios (pintura, fotografia, filmadora, etc.) ampliam consideravelmente as vias de expressão do educando. Nós mesmos já comprovamos que uma câmara de vídeo-teipe colocada em mãos de adultos analfabetos significa, para eles, uma riqueza de expressão com a qual jamais teríamos sonhado há uns poucos anos.

A escola tradicional bloqueia a criança em sua auto-expressão, fato que acarreta graves prejuízos para toda a formação posterior. A linguagem total permite à criança possibilidades de expressão não estereotipada. Ficamos surpreendidos com os resultados obtidos até agora, mesmo em circunstâncias desfavoráveis. Não podemos medir os resultados unicamente como ampliação de referências e de maior criatividade expressiva. A auto-expressão significa, além do mais, liberdade de pensamento. A criança que se manifesta através de um relato gráfico sente que é ela mesma que se manifesta. Idêntico ao que acontece com o cineasta, com o artista.

Esta expressão própria e independente é o fundamento do processo educativo, já que permite ao educando buscar suas próprias respostas aos problemas que a vida lhe coloca. O saber expressar os problemas é o primeiro passo para a solução, talvez o mais importante, porque implica numa descarga liberadora da própria emoção.

A criança inibida e acuada, muito mais acostumada a copiar do que expressar-se por si mesma de forma criadora, preferirá, na vida adulta, seguir caminhos já trilhados. Não será capaz de uma adaptação rápida a novas situações e estará inclinada a seguir ou descansar nas

demais situações, como melhor meio de seguir adiante²⁷. Desde as primeiras manifestações expressivas a criança tem que gozar da mais completa liberdade para escolher seu próprio modo de expressão. Dessa forma, sua faculdade criadora não sofrerá limitações. **Reprimir a criatividade tem sido uma das falhas mais desastrosas da educação tradicional. A primeira consequência nefasta é a perda de interesse. Pode, porém, provocar consequências muito mais graves.**

“Hutchinson assinala que quando os desejos criativos são sufocados, a força oculta surge na forma de uma hidra de cem cabeças produzindo, algumas vezes, melancolia, ansiedade, fadiga e exaltação do ego. Quando o desejo criativo é ativo, intenso, excitado porém, restrito à sua expressividade, o principal sintoma psicológico é a tensão.”²⁸

O diálogo, requisito de toda auto-expressão criadora

Todas as formas de criatividade que favorecem a auto-expressão e a comunicação devem ser cultivadas como requisito fundamental para o desenvolvimento de uma metodologia fundamentada nos Meios de Comunicação Social.

O diálogo é a forma mais genuína de educação. As idéias de renovação pedagógica de nossos dias se assentam na dialogicidade (Burrou — Baber — Lewin — Rogers — Freire...).

Pelo diálogo o homem se cria e se recria numa comunicação efetiva com o outro. A auto-expressão não é criadora senão na medida em que é comunicação ou encontro com os demais. O diálogo é, hoje, o interior de todas as instituições, a pedra fundamental da renovação. Humanizam-se as instituições na medida em que suas estruturas são postas em julgamento através do diálogo. O diálogo é a prova e a verificação do atuar e do fazer. Não pode existir um diálogo sem práxis. “É um meio privilegiado de criação porque é subjetivo e não coisifica.”

Numa outra ordem de idéias, toda a vida do homem é um diálogo. “O frágil curso entre o nascimento e a morte pode acontecer com êxito se toma a forma de um diálogo. Vivendo, interrogamos: ao pensar, falar, fazer, produzir, influir, tratamos de chegar a formular respostas.”²⁹

27. Viktor Lowenfeld, “Desarrollo de la Capacidad Creadora”, Ed. Kapelusz, Buenos Aires, 1961, pág. 26.

28. E. Paul Torrance, “Orientación del talento creativo”, Ed. Troquel, Buenos Aires, 1969, pág. 165.

29. Herbert Read, “Educación por el arte”, Ed. Paidós, Buenos Aires, pág. 280.

Toda resposta dialogada é, portanto, um compromisso com a vida.

Ao contrário, toda resposta dogmática mata a espontaneidade e a expressão criadora. **A aula professoral proporciona dados à inteligência. A dialogicidade integra as experiências concernentes ao perceber, sentir e pensar.** “Recentes estudos psicológicos revelam que a capacidade criadora, a capacidade de explorar, investigar, dialogar, pertence a um dos impulsos básicos humanos, impulsos sem os quais o homem não poderia subsistir.” “As crianças que foram inibidas em suas atividades criadoras e dialógicas pelos dogmas, pelas regras estabelecidas ou outras forças, recorrem à cópia ou ao recalque; adaptam-se facilmente ao estilo de outros dando provas da falta de confiança em suas próprias forças de criação.”³⁰

6. Dinâmica de grupo

a) Razão dinâmica

É óbvio que uma metodologia que tem suas raízes no próprio processo da comunicação dá grande importância à intercomunicação que se consegue na dinâmica de grupos.

O processo de comunicação, em si, é dinâmica de grupo. Como disse Mailhiot referindo-se a Lewin, “a gênese e a dinâmica de um grupo vêm determinadas, em última análise, pelo grau de autenticidade das comunicações que se abrem e se estabelecem entre seus membros”, porque a autêntica comunicação é a que se assenta num esquema de relações simétricas, numa paridade de condições entre comunicador e receptor.

Os membros de um grupo têm que estar nesta paridade de condições: são comunicadores e receptores ao mesmo tempo. A autêntica realização do processo de comunicação dentro do grupo traz consigo o desaparecimento de categorias hierárquicas. Num grupo, cada um dos membros compartilha a mensagem que quer comunicar e cada um dos outros percebe a mensagem e reage diante dela. Desta forma cria-se dentro do grupo uma verdadeira reação em cadeia que é a característica da comunicação dialógica. Toda mensagem que é aceita desta “forma” pelo grupo, deixa de ser uma “ordem”.

A comunicação grupal é tanto mais autêntica quanto for menos sofisticada. Por isso é tão importante que a presença física dos demais seja vivida, sentida e compartilhada inclusive afetivamente. Cada membro do grupo, no decorrer da dinâmica, não só pode ser o portador de mensagens como também recriador de significantes. O que é psico-

30. Viktor Lowenfeld, op. cit., pág. 68.

logicamente importante é a aceitação, pelos autores, destas formas significantes. Um signifiante é codificado favoravelmente ou desfavoravelmente pelo resto do grupo na medida em que o autor é aceito ou recusado. É necessário, portanto, um estado de equilíbrio entre emissores e receptores. Ninguém tem que ser comunicador sem a atitude de perceptor. Os significados são o resultado de uma relação social, ou melhor, um clima grupal.

Esta relação ou clima grupal é o que C. Rogers chama de empatia. "Empatia é a capacidade para submergir-se no mundo subjetivo dos demais, para participar de sua experiência na medida em que a comunicação verbal e não-verbal o permita; ou, em termos mais simples, é a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como o outro o vê."³¹ **A empatia exige que cada componente do grupo seja capaz de colocar-se completamente no lugar do outro, de pensar, sentir o que o outro pensa e sente.**

Sem esta disposição empática é muito difícil que se possa estabelecer esse clima grupal a que fizemos referência. É uma espécie de "sensibilidade alterocêntrica" que exige um grande equilíbrio pessoal e uma relativa modificação da própria personalidade, já que "no comportamento empático não se pode adotar a vontade segundo as necessidades do momento". Em todo grupo humano há indivíduos mais empáticos que outros; da mesma maneira que há os mais inteligentes que outros. A empatia é que dá valor especial aos significantes. Uma afirmação de um comunicador poderá "não significar" nada para um perceptor e, ao contrário, essa mesma afirmação ganha "significado" se for dita por um membro do grupo que seja mais empático que o primeiro.

Para Piaget, a afetividade é um regulador dos processos de aprendizagem. "Nas relações interpessoais, os processos afetivos de assimilação-acomodação são mais importantes que os processos intelectivos (típicos das relações pessoa-objeto)."³²

Neste aspecto, Paulo Freire chega ainda mais longe. Para ele, o diálogo grupal tem que estar baseado em amor, humildade e fé. "Seria uma contradição em si, apesar de amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo que não provocasse este clima de confiança (confiança que é esperança) entre os sujeitos. Por isso não existe essa confiança na relação antidialógica da comunicação bancária."³³

Vê-se, então, que a verdadeira comunicação, a mais autêntica, é a que se verifica no grupo. Porque a comunicação, como já assina-

31. Carl Rogers e María Kinget, "Psicoterapia y relaciones humanas", Ed. Alfaguera, Madri, 1971, tomo 1, pág. 115.

32. Lauro de Oliveira Lima, "Treinamento em Dinâmica de Grupo", Ed. Vozes, 1972, pág. 356.

33. Paulo Freire, op. cit., pág. 109.

lamos, não é perceber uma informação, mas implica numa inferência, isto é, num processo estruturador. Todo perceptor tem que ser agente estruturador e, conseqüentemente, comunicador.

Neste aparte não é nenhuma pretensão fazer um estudo das técnicas de grupo no processo pedagógico³⁴.

Nosso desejo, muito mais modesto, consiste em recolher algumas características do trabalho em grupo que, confrontadas com a problemática da comunicação social, ajudem a estabelecer uma verdadeira interação entre os Meios de Comunicação e a educação.

Se afirmamos que a metodologia da Linguagem Total se fundamenta na dinâmica de grupos, é porque chegamos a nos convencer de que a dinâmica de grupos é o método mais eficiente para se conseguir uma comunicação participante. A dinâmica de grupos é, por assim dizer, um requisito prévio para se enfrentar, criticamente, os Meios de Comunicação Social. É uma verdadeira escola de comunicação.

Além do mais, a experiência já nos provou que os caminhos metodológicos da Linguagem Total seriam truncados se não se pudesse realizar a dinâmica de grupos. A comunicação grupal permite realizar, com muito mais força, os esquemas de assimilação por parte do receptor.

Quando se trata de tornar comum a leitura denotativa de um quadro, de uma foto ou de um fotograma, o diálogo será muito mais valioso se se levar em conta que é fruto da perceptividade de várias pessoas. Diga-se o mesmo da reflexão crítica e, com maior razão, do momento de auto-expressão criativa. Além do mais, o homem, como ser social, necessita compartilhar críticas e avaliar, em sociedade, o que essa mesma sociedade lhe veicula através dos Meios de Comunicação Social.

A concordância ou não com outras pessoas do grupo é um critério para avaliar a exatidão dos próprios juízos. Todas as pessoas sentem necessidade de contrastar seus juízos e opiniões em relação à sua exatidão quanto à realidade. Quando a realidade (como é o caso freqüente de um filme ou de um programa de TV) não pode ser comprovada fisicamente, o desejo de corroborar os dados perceptivos próprios com os dados e critérios das demais pessoas do grupo acaba sendo uma necessidade.

A comunicação participante deve ser vivida para ser apreendida. Não existe nenhum exercício para comprovar a reversibilidade entre emissor e receptor, como a que existe na comunicação dialógica que se gera na dinâmica de grupo.

34. Na América Latina existem estudos completos e atualizados. Nos parecem excelentes: "Dinâmica de Grupos y Educación; Fundamentos y Técnicas", de Gustavo Cirigliano e Aníbal Villaverde, Ed. Humanitas, Buenos Aires; e "Treinamento em Dinâmica de Grupo", de Lauro de Oliveira Lima, já citado.

Na prática educativa é necessário romper-se com a relação de dependência entre o professor-informador e o aluno-ouvinte.

Os indivíduos, na medida em que amadurecem, se responsabilizam. Porém, não pode haver amadurecimento e responsabilidade na dependência. Cada um tem que ser responsável por seus próprios atos, o que requer liberdade nas relações grupais. "Nos grupos hierarquizados em que se sobreestimam as relações de subordinação pela hipertrofia de uma obediência incondicional, os membros desses grupos tornam-se imaturos, gerando, conseqüentemente, uma grande irresponsabilidade individual."³⁵

Num mundo em que todos desejamos implantar formas democráticas de governo, é indispensável que estas formas sejam vividas na escola (não simuladas ou dramatizadas como, por exemplo, as eleições da sociedade).

A criança precisa viver em sua família, em sua escola e também nos agrupamentos religiosos, a comunicação participante, por ser esse o ideal que necessitamos para viver democraticamente em nossas cidades. Infelizmente, parece que na América Latina acontece um retrocesso nesse sentido. Que tristeza ver escolas militarizadas, uniformes, desfiles militares, paradas, bandas de guerra. Que tristeza comprovar que governos militares, paternalistas e autocráticos venham a ser uma prova ou manifestação da imaturidade sócio-política de nossos povos.

O trabalho em grupo parece ser a forma adequada para subir do status de espectadores que vivemos (tanto na escola, frente ao professor, como fora da escola, em relação com os meios de comunicação) para perceptores-comunicadores, criativos e responsáveis.

b) Requisitos mínimos para o grupo

Baseados em nossa experiência, queremos recorrer a alguns dos requisitos que, acreditamos, todo grupo de trabalho deve ter para que haja uma complementação do que expusemos neste capítulo sobre a metodologia da linguagem total.

1. Grupos pequenos

Estimamos que o número de participantes pode variar entre cinco e sete membros; mais abaixo ou mais acima dessa cifra seria inconveniente para o bom andamento da dinâmica e para assumir e participar das responsabilidades.

35. Lauro de Oliveira Lima, "Treinamento em Dinâmica de Grupo", pág. 42.

Um grupo reduzido favorece um conhecimento mútuo muito mais profundo, que conduz ao respeito pessoal nascido não de personalismos mas sim da amizade e do companheirismo. Um ambiente de liberdade, amizade e respeito é um clima que favorece a responsabilidade compartilhada. Um número reduzido significa, além do mais, um máximo aproveitamento.

Cada um deve sair da reunião com a sensação de ter escutado e de ter dito o que pensava. Dada a coesão e rápida dinâmica gerada, rapidamente o grupo chega a questionar-se como grupo.

Um número assim permite uma dinâmica completamente informal. Esta informalidade, inclusive, é, ou parece que será, uma característica da sociedade futura.

Os sistemas sociais estão evoluindo para estruturas muito mais temporais e transitórias do que em outras épocas históricas. **Todo sistema com estruturas pesadas, verticais, perenes, dificulta a interação e a adaptação. As universidades de massas, por exemplo, são engenhos da máquina social do século XIX cujos péssimos resultados são comprovados diariamente.**

Esta característica especial de nossa época está pedindo da escola um sistema de trabalho com maior heteronomia, a qual não pode dar-se senão em grupos pequenos onde cada indivíduo seja responsável. Impossível aprender uma vida dinâmica em colégios-massa que, para governá-los, é preciso militarizá-los. A verticalização exigida pelo sistema tradicional tem que ser substituída pela horizontalização das comunicações e responsabilidades. Um dos caminhos para conseguir essa horizontalização é o trabalho em pequenos grupos, que nos levará a um novo conceito de autoridade. A. Peretti deixou bem claro: "Atrevo-me a dizer que o sistema de valores que era vertical deve tornar-se mais operativo e não mágico ou distante."

2. *Grupos sem predomínio do líder*

Se o grupo é composto por um número reduzido de pessoas, não há necessidade alguma de "repartir responsabilidades" e trabalhos. No grupo, todos têm que ser igualmente responsáveis. Todos podem e devem participar, tomar notas, etc. Ninguém será o porta-voz do grupo, nem durante nem depois da reunião. Todas as funções podem ser cumpridas por todos. Ninguém tem que tomar a atitude de responsabilizar-se pelos demais.

Cada membro do grupo deve exercitar constantemente a sua responsabilidade. Acaba sendo muito mais cômodo participar do diálogo sem a preocupação de ficar tomando nota, por exemplo, com o pretexto de que já há um "responsável" para fazê-lo. As tarefas são facilitadas para serem sempre as mesmas. É o grupo que tem que traçar suas próprias normas de trabalho, isto é, tem que aprender a auto-determinar-se. Num grupo autodeterminado, cada membro aprende a autodeterminar-se.

Por esse motivo é que o importante, em todo grupo de trabalho, na dinâmica de grupo, não é tirar conclusões que sejam (e logo se arquivam) as idéias do grupo, mas que seja também uma palestra de opções, decisões e escolhas pessoais e grupais.

O que interessa como finalidade educativa do trabalho em grupo é o julgamento ou opinião pessoal cada vez mais autônoma, que o aluno formula sobre sua própria aprendizagem e sobre suas capacidades para levar em frente suas próprias responsabilidades.

Esta autonomia e autodeterminação é o resultado da segurança do trabalho em grupo. Os próprios conceitos emitidos evidenciam essa segurança pessoal. Dentro do grupo, o educando deve adquirir o maior número possível de experiências que lhe dêem essa segurança. Para conseguir esta finalidade é indispensável que o grupo seja acolhedor e gerador de confiança. A presença *sentida* do professor ou do líder é um desequilíbrio na comunicação grupal. **As tensões de cada um do grupo diminuirão na medida em que se sentirem em plena liberdade para expressá-las e manifestá-las. Pelo contrário, serão o obstáculo mais sério para qualquer trabalho educativo caso não possam comunicar-se com plena liberdade e espontaneidade.**

A autoridade não deve ser imposta ao grupo mas será uma consequência da boa dinâmica do grupo.

Se, num grupo de pessoas, “se progride até às suas finalidades, melhora-se sua eficácia e aumenta a produção, diremos que do ponto de vista das suas variáveis dinâmicas, exerceu-se a função da autoridade porque qualquer pessoa que tenha melhorado a coesão de um grupo terá sido um agente de autoridade”³⁶.

3. Grupos variáveis

Os grupos de trabalho devem variar toda vez que se lança um novo núcleo gerador. Não somente se dará plena liberdade de escolha de companheiros como também se deverá evitar que os líderes atraiam para seus grupos certos companheiros que, dessa forma, terminariam “anulando” aos outros para salvar uma amizade malcompreendida.

Esta constante variação dos componentes dos grupos obedece, portanto, a uma ruptura de estereotípias e relações prefixadas.

Variando as condições de comunicação e expressão, favorece-se o jogo livre e a espontaneidade do educando para fazer frente a determinadas pessoas que rapidamente se “apossam” do grupo.

Esta é a forma mais rápida para que, a curto prazo, a dinâmica permita um conhecimento (e amizade) de todos os que integram a comunidade (escola, população, agrupação humana). Ao dar ênfase

36. André Peretti, “Libertad de Relaciones Humanas”, Ed. Marova, Madri, 1971, pág. 101.

a estas três características do grupo não estamos ignorando aquilo que os autores mais capacitados assinalam como condições de trabalho em grupo.

c) **Conseqüências do trabalho na dinâmica de grupos**

Do que foi exposto neste capítulo, conclui-se que a dinâmica de grupo e a metodologia da linguagem total se complementam para preencher as metas mais necessárias da educação liberadora.

1. Em primeiro lugar, o trabalho na dinâmica de grupo supõe a ruptura com a elasticidade e inflexibilidade do sistema educativo; a tarefa educativa é uma tarefa compartilhada que nasce da própria dinâmica do trabalho. **A dinâmica de um trabalho compartilhado obriga às adaptações e readaptações existenciais detectadas pelo grupo.**

2. A tarefa educativa deve voltar a centrar-se no aluno e não no professor ou no sistema. O sábado foi feito para o homem, e não o contrário. O aluno não pode ser sacrificado ao sistema. "A educação escolar tradicional dispõe de um impressionante acúmulo de recursos apropriados para provocar, nos alunos, desgostos por qualquer atividade humana, por mais atraente que seja na prática."³⁷

Um sistema escolar centrado sobre o professor parece ser o obstáculo mais sério para a educação democrática e liberadora e que hoje está sendo violentamente recusado pelos próprios alunos³⁸.

3. A dinâmica de grupo supõe não somente a capacidade de diálogo sobre temas do currículo mas também sobre a problemática educativa e os objetivos e bom andamento da instituição escolar. Não podemos nos dar ao luxo de criar, dentro da instituição-escola, outras instituições tão complicadas quanto a primeira: conselhos de classe, conselho estudantil, delegados, representantes. Todas estas formas de organização passam de concessões à poderosa e férrea organização institucionalizada.

Todos os estudantes devem ter as oportunidades e possibilidades práticas de explicitar tanto os seus sentimentos como também os

37. Lauro de Oliveira Lima, "A Educação do Futuro Segundo McLuhan".

38. Em muitas instituições ainda existe a amarga comprovação que recolhemos em "Le petit livre rouge des écoliers et des lycéens": "Oito entre dez professores decidem por si mesmos o que toda a classe deve saber, do que deve falar, do que deve ler, do que deve escrever. Se em alguma ocasião o professor pergunta aos alunos, esse questionamento não é para saber qual é a sua opinião mas, na maior parte das vezes, é para verificar se compreenderam bem o que o professor pensa. Em outras ocasiões perguntará simplesmente para que não se esqueçam de que ele está ali, diante de todos."

impulsos de agressividade. Nestes casos, a violência é consequência de falta de comunicabilidade.

De fato, a maior parte dos grupos estudantis acaba se constituindo num baluarte de luta aberta contra a própria instituição. A falta de comunicação só faz prevenir o medo que surge pelo zelo de perder a autoridade. Uma vez mais, a voz dos estudantes pode mostrar-nos as causas do problema, tanto a nível de aula quanto a nível escolar³⁹.

4. É importante assinalar uma outra consequência do trabalho de grupo, que é a reflexão grupal, com reflexão ou reflexão participante. A reflexão em grupo é o método mais eficiente de conscientização. A personalização é um fenómeno grupal fruto da comunicação horizontal que tem de haver dentro do grupo. Se não se fundamentar nesse método de comunicação horizontal, toda reflexão crítica sobre os meios de comunicação de massas será um enganar-se a si mesmos. "O grupo é o mediador entre o individualismo esterilizante e o coletivismo massificador." "A célula da humanidade não é a família, como se pensava, mas sim o grupo."⁴⁰ O grupo é, pois, um ótimo meio de desmassificação, através do qual o indivíduo tem possibilidade de capacitar-se a chegar a um comportamento pessoal.

A educação que não acontece dentro dessa perspectiva corre o perigo de robotizar-se (educação-programa) cujo objetivo é adquirir respostas estereotipadas⁴¹.

5. A reflexão participante não basta, também é preciso participar da ação. O grupo deverá proporcionar o máximo de coesão e força para desenvolver a criatividade em cada um de seus membros. Somente em tais grupos poderá acontecer o verdadeiro compromisso. A verdadeira integração do grupo, o encontro de um tu com um eu, realiza-se no compromisso, na aceitação incondicional.

7. Técnicas audiovisuais e linguagem total

As técnicas audiovisuais estão sendo usadas no ensino de forma crescente e constante, inclusive nos países não-industrializados. Hoje, já é comum falar de "tecnologia da educação" ou "tecnologia educativa".

39. "Os maus professores e os autoritários quase sempre são pessoas medrosas. Têm medo de seus alunos e, por isso, tratam de se impor à força. Têm medo de que seus alunos tenham razão, têm medo de perder sua autoridade e, por isso, nunca trataram com confiança os seus alunos e acreditam que eles são incapazes de se autodirigir e encontrar a solução de seus problemas. Na realidade, não dão confiança a seus alunos porque, afinal de contas, não têm confiança em si mesmos." (Le petit livre rouge des écoliers et des lycéens.)

40. Lauro de Oliveira Lima, op. cit., págs. 105 e 157.

41. Ibidem.

Numa colocação prospectiva, poderíamos afirmar que a micro-tecnologia ameaça de morte os sistemas verbo-expositivos da escola tradicional. O professor informador, típico da aula magisterial, tem todas as possibilidades de ser substituído, algum dia, pela máquina informadora. O professor-robô, de que nos fala Lauro de Oliveira Lima, não é um sonho de ficção científica. "Já existe na indústria um aparato que poderíamos chamar de 'professor-robô' e que poderia substituir perfeitamente o processo expositivo das lições do professor em classe."⁴²

Toda essa transformação e tecnicidade são possíveis e desejáveis. Porém, temos que confessar desde já que não estamos propondo uma metodologia das técnicas audiovisuais. **Estamos convencidos de que as técnicas audiovisuais não resolvem, por si mesmas, o problema que os meios de comunicação colocaram à escola, ou melhor, à educação. Lamentavelmente, muitos educadores confundem técnicas audiovisuais com educação por e para os Meios de Comunicação Social.** Ainda mais, é muito possível que a própria tecnologia esteja contribuindo para distorcer o processo educativo. Chegamos a fixar o centro de interesse da escola mais no ato de *ensinar* do que no ato de *aprender*. Um grande número de professores esquece facilmente que o ato de aprender é próprio do aluno, enquanto o ato de ensinar se relaciona mais com o professor. Demos tanta ênfase à importância da tarefa do professor que a educação ficou reduzida a "ensinar gramática, ensinar matemática, ensinar religião..."

Queremos apontar a diferença que existe, para nós, entre metodologia das técnicas audiovisuais e a pedagogia das linguagens dos Meios de Comunicação Social. E que, além do mais, reduzir o problema do uso das técnicas à sua dimensão de ajuda é evitar o verdadeiro e autêntico problema educativo.

As técnicas, em si mesmas, não modificam o conceito tradicional do sistema escolar, enquanto que os meios de comunicação repercutem profundamente no novo humanismo que se está forjando na sociedade atual pelos impactos dos meios de comunicação de massas.

O incremento das técnicas leva a um afiançamento do sistema. A sociedade capitalista cria novas necessidades que são absorvidas pelo sistema escolar. Talvez estejamos fazendo ingentes esforços para colocar, ao lado do sistema tradicional, outra estrutura não menos pesada, complicada e vertical: estou me referindo à teleeducação. A teleeducação concebida como "metodologia técnico-pedagógica que utiliza os meios de comunicação coletiva (televisão, rádio, cinema e imprensa)

42. Lauro de Oliveira Lima, "A Escola Secundária Moderna", Ed. Vozes, Petrópolis, 9.^a edição, 1971, pág. 458.

com a finalidade de apoio educativo”⁴³ nos parece um enfoque muito tradicional.

Este enfoque poderá fazer pensar que os meios audiovisuais, como por um passe de mágica, são os que de alguma forma resolverão os agudos problemas quantitativos e qualitativos da educação na América Latina. Melhor ainda, nós pensamos em uma teleeducação que corresponda exatamente ao seu significado etimológico, isto é, em uma teleeducação que não tenha nada a ver com o sistema escolar. A pedagogia dos meios de comunicação, neste caso, a teleeducação, seria parte dessa pedagogia que em última análise nos levará à ruptura do sistema escolar, provavelmente ao próprio desaparecimento da escola. E chegaria a vez da implantação da escola aberta (escola sem muros). É possível que os Meios de Comunicação Social, vistos como meios de comunicação e não como técnicas audiovisuais, nos estejam dando as diretrizes do que deverá ser a educação do futuro. Uma escola murada é um contra-senso num mundo saturado pela informação dos meios de comunicação de massas. Porque o cinema, a televisão ou qualquer outra técnica audiovisual exige uma aprendizagem diferente. A rapidez da sucessão das imagens não pode seguir os passos do raciocínio lógico. A leitura em mosaico de uma página de jornal ou a linguagem de uma historieta, inclusive, implica numa decodificação diferente à da leitura da escrita corrente. A essência do problema não está no uso ou não de técnicas, mas sim em saber reconhecer que essas técnicas se valem de linguagens diferentes e, portanto, coincidem diferentemente no processo cognoscitivo. Não são ajudas dentro do método tradicional de aprendizagem mas implicam numa nova aprendizagem. Os novos métodos requerem novas estruturas educacionais. “A escola do futuro terá que ser um mundo comunitário, propulsor dos equilíbrios sincrônicos do grupo social.”⁴⁴

“A matéria-prima da educação terá que ser buscada na vida exterior e esse exterior será a própria galáxia em que vivemos, na qual o indivíduo (não importa a idade) perceberia a informação.” “O nome de *escola* ficaria reduzido a uma espécie de *centro de integração* cuja finalidade seria a de coordenar a reflexão global das experiências polivalentes recebidas. Neste caso, o trabalho do educador voltaria a recobrar seu sentido mais genuíno e primeiro.”

Esta nova visão das técnicas audiovisuais é a que propomos nesta metodologia. Na verdade, não nos importam as técnicas como recursos reforçadores dos sentidos, nem sequer como motivadores. Para nós, as técnicas dos meios de comunicação significam um novo

43. Informe geral sobre a Reforma da Educação Peruana, Ministério da Educação, Lima, Peru, 1970, pág. 163.

44. Lauro de Oliveira Lima, “A Educação do Futuro segundo McLuhan”, pág. 30.

processo educativo. Em outras palavras, os Meios de Comunicação Social colocaram à educação um problema novo e diferente. Não se pode resolver o problema desnaturalizando as novas linguagens e forçando-as a cumprir uma tarefa que não lhes corresponde, por essência. **O audiovisual, como auxiliar da aprendizagem, é um meio de ajuda do trabalho repetidor e mecânico do docente.** A pedagogia da linguagem dos Meios de Comunicação Social são muito bem a encarnação da escola dentro da realidade vital, familiar e social do educando, que utilizam esses "meios" tendo em vista um ativo e proveitoso desencadear de condutas.